O JOGO COM A TRADUÇÃO EM *THE COW WENT TO THE SWAMP*, DE MILLÔR[1]

Adriana Pozzani de La Vielle[2]

RESUMO – A finalidade deste artigo é a de analisar, no interior do quadro teórico da Análise do Discurso, o jogo com a língua, ou melhor, as línguas, uma vez que se trata de uma brincadeira com a tradução. Proponho-me a investigar a questão do equívoco, da língua e da ironia (os quais se encontram inter-relacionados), procurando explicitar não apenas as diversas possibilidades de significação postas em jogo no processo de tradução do português para o inglês, mas igualmente o modo como o trabalho do sujeito afeta a ordem da língua ao romper com o logicamente estabilizado, e até mesmo com a materialidade léxico-sintática dita convencional. Diante de um tal propósito, aproximei-me do livro The cow went to the swamp *– A vaca foi pro brejo, de Millôr Fernandes, e é dessa obra, portanto, que mobilizo algumas formulações a fim de pesquisar como ocorre, ali, tudo quanto precede. A análise feita permite constatar que, uma vez que se desfaça a opacidade (no processo da leitura), a obra em exame possibilita refletir a respeito do que vem a significar saber uma língua e saber sobre uma língua.*

Palavras-chave: sentido, língua, ironia

> *Seria, com certeza, coisa para rir, ó Crátilo, o efeito dos nomes sobre os objetos de que são nomes, no caso de concordarem em absoluto com eles. Tudo seria duplo e não se poderia dizer qual é o objeto e qual o nome.*
>
> Sócrates, em *Crátilo*, de Platão

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Discussões acerca da relação palavra/coisa-representada vêm desde a antigüidade e remetem aos mais diversos posicionamentos no interior dos diferentes campos de estudos sobre a linguagem. E se a referida relação é deveras inquietante, o que pensar, então, da relação palavra-palavra(s), em âmbito do campo da tradução, quando entram em jogo, tantas vezes, as especifidades da estrutura léxico-sintática? (Refiro-me, mais especificamente, à impossibilidade de uma tradução termo-a-termo, como no caso do título de um artigo de Pêcheux, ***Il n'y a de cause que*** *de ce qui cloche*, traduzido para o português como "**Só há causa** daquilo que falha".) [grifos meus]

Contestar a hipótese de haver na linguagem transparência e univocidade é, de certo modo, elementar na Análise do Discurso tradicionalmente pecheutiana (ou AD): um dos primeiros passos para quem pretende aventurar-se por essa trilha teórica é justamente compreender que a língua não é transparente nem os sentidos estão dados *a priori*. E, sendo assim, para atingir o processo de produção do sentido, é necessário considerar não apenas a materialidade lingüística como também as condições sócio-históricas de produção do dizer.

---

1 Comunicação apresentada no V Senale, Pelotas, em 10/10/2007.

2 Mestranda da UFRGS

Foram, portanto, todas essas questões em torno das categorias língua e sentido que me aproximaram do livro *The cow went to the swamp* – A vaca foi pro brejo, de Millôr Fernandes, a ponto de dali mobilizar aquilo que vem a constituir o *corpus* do presente artigo. Não pretendo, nem me seria isso possível, investigar que concepção acerca de sentido sustenta de fato a obra cujos fragmentos trago à análise; e isso por julgar que não basta apenas negar a biunivocidade (uma vez que um tal posicionamento pode conter, encoberta, a ilusão de que haveria um sentido literal, como centro, e os demais, como margens – estes sim sujeitos à interpretação). Tampouco pretendo restringir-me a estabelecer correlações entre expressões idiomáticas em português e suas equivalentes estrangeiras. O que efetivamente me proponho a fazer é, pois, trabalhar com a questão do equívoco, da língua e da ironia – inter-relacionados por meio do jogo com a língua – e explicitar as diversas possibilidades de significação postas em cena no processo de tradução do português para o inglês. Pretendo, igualmente, examinar o modo através do qual o trabalho do sujeito afeta a ordem da língua, uma vez que rompe com o logicamente estabilizado e até mesmo com a materialidade dita convencional.

POR UMA LEITURA-OUTRA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A OBRA

Para aqueles que têm um certo domínio da língua inglesa, a inquietação para uma leitura-outra emerge logo no título, quando a construção “The cow went to the swamp” precede a correspondente (que outros diriam a “tradução literal”) “A vaca foi pro brejo” e leva a questionamentos acerca da relação entre língua, discurso e sentido, no processo tradutório. Não encontramos, até o presente momento, uma expressão que, em inglês, traduza a mencionada acima preservando a mesma orientação de sentido. Entretanto, quando pensamos em expressões idiomáticas, vem logo a idéia de particularidade. Ou seja: justamente de algo cuja relação entre a materialidade léxico-sintática e o(s) sentido(s) a ser(em) atribuído(s), é típica de uma dada língua em particular. Mobilizemos um caso em especial: à expressão popular “está chovendo canivetes”, por exemplo, equivale, em inglês, “it´s raining cats and dogs” (que, em português, seria “está chovendo gatos e cachorros”). Como se pode observar, há, entre “canivetes” e “gatos e cachorros”, questões de ordem sócio-histórica/ideológica (e mesmo culturais, por que não dizer?), diretamente relacionadas às peculiares formulações. Dito isso, voltemos a examinar a obra que aqui nos mobiliza.

Ao observar a maneira como se constitui o livro, percebemos que este assemelha-se a um dicionário: palavras e expressões em português são apresentadas em ordem alfabética, sendo que, para algumas, há também uma ilustração correspondente. Segue-se, abaixo de cada

termo, uma versão em inglês, apresentada enquanto tradução do referido termo. Analisaremos essa correspondência português-inglês na seção subseqüente.

No texto introdutório (em versão bilíngüe), Millôr (1998, p.3) caracteriza sua obra como sendo um "não-livro" (*non-book*) e diz que ali se pretende ensinar "uma espécie de inglês pra inglês ver, se é que você nos entende". Já nas páginas finais, surge uma seção intitulada "Deveres de casa", a qual sugere ao leitor traduzir seis frases: três delas do inglês para o português, e vice-versa. As respostas aparecem em disposição invertida, cada qual abaixo da frase a que se refere. Excluídas essas atividades, tem-se um total de 635 "verbetes" (entre palavras e expressões), dentre os quais recortei alguns, aleatoriamente, para o presente trabalho. Tais verbetes serão conhecidos no decorrer do que se segue.

RESISTÊNCIA, JOGO, MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

Podemos observar na obra em exame a resistência, ancorada na possibilidade de jogar com a produção de sentidos, de situar-se "entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece", enfim, entre "a língua ora como serva, ora como ama do pensamento" (Ferreira, 2000, p.23).

Mobilizar a noção de língua leva necessariamente a um ponto importante, qual seja, o da relação entre língua-história-discurso, na medida em que este último apresenta uma dupla materialidade: lingüística e histórica. Definido enquanto "efeito de sentidos" (Pêcheux, 1993) entre os pontos A e B (pontos estes que não equivalem a sujeitos empíricos, mas a posições), o discurso materializa-se na língua; e esta, por sua vez, deve necessariamente se inscrever na história, para significar (história esta que, para a AD, não é cronologia, mas trabalho dos sentidos no texto, historicidade). Do encontro entre língua e história – no discurso –, surge a possibilidade de considerar o equívoco, o qual irrompe justamente como lugar de resistência. Nessa direção, o discurso possibilita observar os efeitos do jogo com a língua, dado que esta, ao não ser um sistema estável e fechado, comporta, portanto, em si o espaço para o jogo, espaço esse no interior do qual

> *as marcas significantes [...] são capazes de deslocamentos, de transgressões, de rearranjos. É isso que faz com que um determinado segmento possa ser ele mesmo ou outro, através da metáfora, da homofonia, da homonímia, [...]dos deslizamentos sêmicos, enfim, dos jogos de palavras e da dupla interpretação de efeitos discursivos.* (Ferreira, 2000, p.108)

Se um enunciado é intrinsecamente passível de tornar-se outro, diferente de si próprio,

de deslocar-se discursivamente de seu sentido a fim de derivar para outro (Pêcheux, 1990), isso se deve ao fato de que o sentido, como dissemos anteriomente, não é algo que está dado *a priori*. De acordo com Pêcheux (1988, p.160), o sentido de uma palavra ou expressão, por exemplo, "não existe em si mesmo", numa "relação de transparência com a literalidade do significante", e sim é determinado por posições que estão em jogo no processo sócio-histórico de produção dessa tal palavra (ou expressão, proposição) dada. As palavras recebem seu sentido conforme a formação discursiva no interior da qual se inscrevem, mas isto não é algo imutável. Assim, tem-se a deriva quando a palavra migra de uma formação discursiva (FD) para outra, formação esta concebida por Pêcheux (*idem*) como sendo aquilo que, numa determinada conjuntura e a partir de uma posição dada, determina o que pode/deve ser dito – ao que Courtine (1981) acrescenta que uma FD determina também aquilo que não pode/ não deve ser dito. E vale lembrar que as formações discursivas não correspondem a blocos homogêneos, fechados em si; ao contrário, são heterogêneas em virtude do permanente contato com o interdiscurso – o "todo complexo com dominante" das formações discursivas, segundo Pêcheux (1988). A FD funciona, então, como matriz do sentido, ao passo que o interdiscurso é visto enquanto a fonte de todos os sentidos.

Exposto isso, voltemos à questão do equívoco. Compatível com a concepção de uma língua instável, não-fechada, heterogênea, e constitutivo não apenas desta como igualmente da interpretação (da relação do sujeito com o simbólico), o equívoco – a possibilidade de que o sentido sempre possa ser outro – vem atestar que o processo de construção/constituição dos sentidos admite a desconstrução, a ruptura, o jogo com a estrutura significante. O equívoco, segundo Orlandi (1996, p.146), "faz com que quem fala acredite separar aquilo que é sujeito à interpretação daquilo que não o é, quando na realidade há sempre interpretação". Como vemos, essa separação referida por Orlandi projeta-se sobre duas ilusões: a ilusão constitutiva do sujeito, o qual se julga uno e origem do dizer, e a do sentido, vale dizer, da literalidade, como se efetivamente houvesse sentidos naturais à língua, de um lado, e, de outro, sentidos sujeitos à interpretação.

Ao tomarmos o equívoco e pensarmos a questão do jogo com o processo tradutório, tal como ocorre na obra em investigação, podemos constatar que há um trabalho do sujeito sobre a base material de duas línguas (português e inglês), base esta que é "constituída e atravessada pela história e pela memória de discursos que em cada uma já foram produzidos" (Mittmann, 2001, p.107). Com isso, chegamos a um ponto fundamental: todo discurso tem memória e deve, segundo Pêcheux (1993), ser sempre remetido às relações de sentido nas quais se constitui, uma vez que provém de outros que ele tanto pode repetir ou aos quais pode aludir,

quanto ele pode, ainda, resgatá-los a fim de fazer modificações e, assim, instaurar a ruptura. Da relação que se estabelece entre discursos se tece a memória, afinal, as palavras e expressões de que se compõe o livro de Millôr não surgiram do nada, como se fossem isentas de passado e "caíssem de pára-quedas" logo ali. No ponto de encontro entre memória e atualidade, ou entre interdiscurso e intradiscurso, instaura-se o efeito de memória, por meio do qual o já-dito/conhecido e esquecido ecoa naquilo que é lido, efeito este que, segundo Indursky (2003, p.103), é "fortemente lacunar, possibilitando que os sentidos deslizem, derivem, se transformem, se re-signifiquem".

De volta à observação da obra em exame, vejamos alguns exemplos de "verbetes" extraídos para o presente trabalho:

> *(1) Colou na prova.*
> *He glued on the exams.* (p.21)
>
> *(2) Entre!*
> *Between!* (p.49)
>
> *(3) Esticou as canelas.*
> *He stiffened the cinnamons.* (p.55)

Como podemos perceber, a materialidade léxico-sintática abre as portas para a metáfora, para o equívoco, conforme o deslocamento de um dado termo que migra de uma formação discursiva para outra. Em (1), joga-se com a vaguidez do verbo "colar", o qual pode remeter: a) ao uso de substância adesiva; b) aos meios de consulta às respostas da prova. O jogo está em apresentar como significando "b" um verbo em inglês (*to glue*) cujo sentido institucionalizado remete a "a" (uma vez que para o outro existe *to crib*). Por sua vez, em (2), a brincadeira recai sobre a palavra "entre", que, em português, tanto pode ser uma forma do verbo "entrar" como também uma preposição. *Between* corresponde à preposição, enquanto *Come in!*, à forma verbal. Já o exemplo (3) joga não apenas com a vaguidez de "canelas", mas, inclusive, com um deslocamento na expressão inteira. No caso de canela inscrever-se na FD da Alimentação, tem-se *cinnamon*; deslocando-se, porém, seu sentido para a FD Anatomia, tem-se *shin*. Se, no entanto, tomamos o enunciado como uma paráfrase de "Ele morreu" (*He died*) e procuramos o verbo "esticar", encontramos ainda a expressão idiomática *to kick the bucket*, a qual, por sua vez, se desloca de seu sentido como sendo "chutar o balde", para significar "morrer".

Ferreira (2000, p.24) afirma que "os enunciados da língua podem sempre escapar [...]

ao trabalho da razão e da lógica sobre a linguagem". É o que podemos constatar através dos exemplos a seguir:

(5) Avacalhado
Acowished (p.12)

(6) É o meu padrinho.
He is my little priest. (p.38)

(7) Uma obra-prima
A cousin-work (p.115)

Joga-se, nos três casos, com a estrutura mesma de que se compõe cada uma das palavras. Em (5), a semelhança com "vaca", que em inglês é *cow*, leva a transformar este substantivo em verbo, criando-se, assim, um neologismo: *to acowish* e, a partir dele, *acowished* em lugar de *demoralized* ou *messy*, que remeteriam a outra FD, na qual não estaria "vaca enquanto animal". Já em (6), "padrinho" (*godfather*) vira "pequeno padre" (*little priest*) num jogo com a terminação "-inho", a qual remete ao sufixo que, em português, compõe diminutivo. Em (7), o substantivo composto "obra-prima" (*masterpiece*) fragmenta-se em "obra" (*work*) e "prima" (a pessoa, *cousin*), termos estes que, aliás, unem-se conforme as "regras" do inglês para substantivo acompanhado de adjetivo (caso em que este precede aquele).

Também a homofonia está presente no jogo com a possibilidade do sentido-outro:

(8) Tá ruço.
It´s Sovietic. (p.107)

(9) Um belo concerto
A nice repair (p.114)

Em (8), o jogo dá-se pela semelhança sonora com "russo" (*Sovietic*). Por fim, em (9), o que se tem é o jogo entre "concerto" (*concert*) como apresentação musical e "conserto" (*repair*) como reparo, remendo.

Por meio do jogo com/sobre as regras, revela-se a impossibilidade de se considerar a língua como um sistema estável, homogêneo, transparente, confinado à lógica e a uma perfeita relação termo-a-termo. Percebemos, então, o trabalho do sujeito na/sobre a língua. Na função enunciativa de autor, o sujeito vale-se da materialidade léxico-sintática para (des)fazer

sentidos, jogando, pois, com a estrutura significante ao romper com o estabilizado e com o institucionalizado na tradução português-inglês. Abre-se, assim, o espaço à polissemia e ao trabalho interpretativo do sujeito-leitor. Nessa direção, o que está em jogo é que sentidos esse sujeito-leitor é capaz de atribuir, conforme reconheça ou não o jogo, conforme domine ou não a língua inglesa, diante da "pluralidade possível de leituras e a heterogeneidade constitutiva da relação do leitor com os sentidos" (Orlandi, 1988, p.69). Isso atrela inextricavelmente língua, sentido, sujeito, discurso, interpretação e ainda coloca em tela a tríade sobre a questão da leitura – de que fala Orlandi (*idem*) – a respeito do inteligível, do interpretável e do compreensível: um percurso que vai desde o "saber a língua", até o ato de saber como um objeto simbólico produz sentidos, ou seja, buscar desvendar os processos de significação presentes e "escutar" outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.

E diante de tudo quanto precede, surgem as indagações: para que esse jogo? O que está por trás dele? Afinal, não seria mais fácil explicitar ainda mais as ilusões subjetivas e dizer que *x* significa somente *x'*, em inglês, e que *z* é *z'*, e assim por diante? Tocamos, pois, num ponto crucial, que é a questão do humor e da ironia, questão essa que mobiliza também a da produção da leitura.

Segundo Orlandi (1986), a ironia não está nos interlocutores nem no texto, mas na relação que se estabelece entre ambos. Por meio da ironia, questiona-se a natureza da linguagem, o funcionamento da ideologia – sendo esta concebida como prática significante, responsável por orientar a direção na qual será(ão) atribuído(s) sentido(s) ao dizer) – , e ainda, questiona-se a constituição mesma da significação. Cai por terra, como se vê, a tradicional e ingênua idéia de que ironia é meramente dizer o contrário daquilo que se pretende. No que concerne à obra em exame, podemos afirmar que, durante o processo de leitura, o efeito pretendido pelo sujeito-autor somente será possível se o sujeito-leitor reconhecer a rede interdiscursiva subjacente aos dizeres. O sujeito-leitor também é, assim como o outro, um sujeito interpelado ideologicamente, e disso dependem os sentidos atribuídos (ou não) àquilo que ele lê. Sendo assim, seus gestos de interpretação estarão ligados à sua capacidade de estabelecer filiações de sentido entre o que é lido (ou seja, o intradiscurso) e o interdiscurso (a fonte de todos os sentidos possíveis). Isso coloca em jogo o domínio que o sujeito-leitor vem a ter em relação à língua inglesa. É este domínio, aliás, que permitirá constatar que o livro em questão não se trata de um manual sobre como dizer provérbios em inglês, mas sim de uma forma de refletir, com humor, a respeito do processo de aquisição de língua estrangeira; enfim, refletir diante da possibilidade da subversão à lógica de dois universos supostos como estabilizados: no caso em pauta, as línguas portuguesa e inglesa.

PARA CONCLUIR

O trajeto percorrido neste trabalho endossa uma constatação que, aliás, pode ser expressa com o seguinte fragmento da introdução (outrora mencionada) do livro de Millôr: "que se você aqui não aprendeu nada *de* inglês, aprendeu porém muito mais *sobre* inglês do que em qualquer *sim-livro* normal" [grifos do autor] (Fernandes, 1998, p.3). Em oposição ao título de "não-livro" atribuído à obra, como já pontuamos no início deste artigo, surge o termo "sim-livro" como referente aos livros tradicionais que pretendem ensinar inglês.

A análise que aqui foi feita permite-nos concluir que o livro de Millôr – desde que, é claro, seja percebido o jogo com as línguas, bem como a rede interdiscursiva mobilizada através desse jogo – acaba por ensinar muito a respeito da língua inglesa. Nessa perspectiva, ao contrário de constituir-se num manual de como falar em inglês expressões idiomáticas portuguesas, o livro constrói um espaço de reflexão sobre os processos de significação, enfim, sobre as relações entre línguas/linguagem, sentido, sujeito.

Salienta-se, finalmente, o fato de que o sentido desliza, torna-se outro, e a língua comporta a possibilidade do jogo. Tudo isso, justamente porque sentido, sujeito, tradução, interpretação jamais se encontram acabados, imutáveis. E também porque a língua não é fechada, estável, reduzida a um sistema que faça dela uma espécie de "ritual sem falhas"... senão é ela que "vai pro brejo", ou, parafraseando Millôr na brincadeira, *the tongue goes to the swamp*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, *Langages* 62, p.9-127, juin 1981.

FERREIRA, M.C.L. *Da ambigüidade ao equívoco*: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FERNANDES, M. *The cow went to the swamp* – A vaca foi pro brejo. 8.ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1998.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. In: *ORGANON* – Discurso, língua, memória. Porto Alegre, v.17, n.35, p.101-121, 2003.

MITTMANN, S. Tradução: uma questão de discurso, de língua e de equívoco. *Artexto*, Rio Grande, v.12, p.95-108, 2001.

ORLANDI, E.P. Destruição e construção do sentido (Um estudo da ironia). In: *O histórico e o discursivo*. Série Estudos, 12. Publicação do curso de Letras do CCHL das Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba, 1986.

_____ . O inteligível, o interpretável, o compreensível. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. (org.). *Leitura* – Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988. p.58-77.

_____ . *Interpretação – A*utoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por E.P. Orlandi [et al.]. Campinas: Unicamp, 1988. Trad. de: *Les vérites de la Palice*, 1975

_____ . *O Discurso*: estrutura ou acontecimento. Traduzido por E.P.Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. Trad. de: *Discourse*: structure or event?, 1983

_____ . Análise automática do discurso. Traduzido por E.P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Trad. de: *Analyse automatique du discours*, 1969.